

Memória do Cangaço no Sertão do São Francisco

ANTÔNIO FERNANDO DE ARAÚJO SÁ

Professor da Universidade Federal de Sergipe

“A vida do cangaço era uma vida aperreada.”¹
Adília Maria de Jesus (ex-cangaceira)

Este artigo é resultado de minha experiência de pesquisa na construção do Centro de Documentação e Pesquisa do Baixo São Francisco (CENDOP), financiado pela Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) e o Programa Xingo (1999-2000). Dentre as entrevistas realizadas pela equipe do CENDOP emergiu o tema do cangaço como parte integrante da história local. Deste modo, busquei, em entrevistas realizadas em povoados e municípios das cidades de Piranhas e Olho D’Água do Casado, em Alagoas, de Poço Redondo e Canindé do São Francisco, em Sergipe, compor o cenário da vida cotidiana da experiência do cangaço, seja por parte dos combatentes, seja daqueles que conviveram ou eram cangaceiros, refletindo sobre a maneira como estes indivíduos estruturaram subjetivamente sua identidade no sertão do São Francisco.

Pretendemos realçar aqui o papel da memória no estabelecimento de consensos e conflitos no âmbito do imaginário social e como a produção da memória intervém na construção da identidade social e individual de uma coletividade. Antes de tudo, não se pode esquecer que a memória, ao reconstruir fatos passados, não é fiel ao que aconteceu, mas sempre elabora a partir de experiências novas e distintas. Como uma “*chave da consciência*”, Mnesmosine é um recurso essencial para se pensar a identidade. É através da dialética entre memória e identidade em que se adaptam uma a outra, fecundando-se mutuamente, fundindo e refundindo, que se produz uma trajetória de vida, uma história, um mito, um relato. Ao final, é claro, só resta o esquecimento, o

que reitera o pressuposto de que memória e esquecimento são condições de possibilidades de um para o outro.²

O que me interessa nos testemunhos individuais é tentar perceber em que sentido estas narrativas evidenciam mudanças sociais maiores, o que coloca, em primeiro plano, o problema do sujeito individual e seu contexto social mais amplo. Talvez o mais interessante nas formas de testemunho da história oral é que os “fatos” não são simplesmente produtos do passado, mas a maneira pela qual “memórias populares são construídas e reconstruídas como parte da consciência *contemporânea*”.³

No Sertão do São Francisco, o cangaço pode ser pensado como um “passado que não quer passar”, no qual os atores sociais em luta disputam, na conjuntura memorial do presente, interpretações da vida social à luz de suas experiências do “tempo do cangaço”. Nas entrevistas realizadas em duas cidades - Piranhas/AL e Poço Redondo/SE - que compõem a geografia do cangaço, as batalhas da memória giraram em torno da “memória volante” e da “memória dos cangaceiros”.

Em sua trajetória histórica, a cidade de Piranhas sofreu o ataque do cangaceiro Gato e seu bando, em 1936, na tentativa de resgatar sua companheira Inacinha, que havia sido presa na fazenda Picos pela volante comandada pelo Tenente João Bezerra. As lembranças de Francisco Rodrigues giraram em torno deste ataque, quando teve, segundo ele, uma atuação decisiva para repeli-los, ao enfrentá-los na porta do seu sobrado, com rifle de repetição e quinhentos cartuchos. Quando recebeu a notícia do ataque do tenente João Bezerra ao bando de Gato na Fazenda Picos, Rodrigues organizou a resistência, pois a volante capturou a cangaceira Inacinha e os cangaceiros vieram resgatá-la em Piranhas. Morreu no confronto a família de Antônio Tirana e o cangaceiro Gato. A imagem do confronto, segundo o entrevistado, era de uma noite de São João.⁴

Partindo da cidade de Piranhas, foi também a volante comandada por João Bezerra que deu cabo do bando de Lampião na Grota de Angico, em 28 de julho de 1938. Contudo, a imagem da chegada das cabeças dos cangaceiros do bando de Lampião marcou, indelevelmente, a memória de Francisco Rodrigues, quando foram expostas na escadaria da prefeitura de Piranhas e immortalizadas em fotografia que circulou pelo Brasil afora.

A cidade alagoana ainda vivenciou o pânico e o terror quando da chegada de um bilhete de Corisco para o Tenente João Bezerra, que, como vingança da morte de Lampião, mandou, junto ao bilhete, as cabeças da família de

Domingos Ventura, vaqueiro da fazenda Patos, suposto traidor que originou o massacre de Angicos. Francisco Rodrigues relata que a população entrou em pânico, mas o confronto não houve.

Josias Valão trabalhou na volante do tenente João Bezerra e Aniceto à época do massacre de Angicos, em 1938. Contudo, ele não participou do confronto, pois “estava doente de um pé”. Logo após a chegada das cabeças dos cangaceiros, Valão foi encarregado, com mais dois soldados, de dar “sentido aos corpos pros urubus não comer”. Mas como o coronel Lucena não compareceu para ver os corpos, os soldados retornaram a Piranhas sem enterrá-los. Seu relato detalhou que alguns soldados das volantes eram piores que os cangaceiros, lembrando da volante de José Rufino, da Força Pública da Bahia, ou a de Chico Ferreira, de Pernambuco.

O ex-combatente ressaltou a importância do papel dos rastejadores nas perseguições aos cangaceiros na caatinga, recordando o nome de Gervásio, rastejador da volante liderada por Zé Rufino. Era tão bom quanto a um cachorro para caçar no mato. A prisão de Novo Tempo do bando de Balão foi resultado do trabalho deste rastejador.

O ex-soldado volante lembra ainda dos nomes dos cangaceiros que se entregaram depois da morte de Lampião, como foi o caso de Pancada, de Poço Redondo/SE. Segundo ele, depois que acabou o “negócio do cangaço” foi trabalhar de pedreiro.⁵

Essa imagem do “negócio do cangaço” remete à idéia de que o cangaço era uma forma de sobrevivência, tanto para quem combatia o cangaço, como para os que caíram no cangaço. Amaury de Souza, que propôs interpretar o cangaço como empresariado da violência, baseado na profissionalização e na relativa autonomia, afirma que, no sertão, o cangaço se constituiu como uma possibilidade de ascensão social dos pobres do campo.⁶

Os soldados volantes constituíam-se em forças policiais móveis e semi-mercenárias, fracamente controladas pelo Estado. Eram compostas por soldados, ex-criminosos, indivíduos em busca de vingança pessoal ou pelo enriquecimento rápido. Utilizavam armas e táticas próximas dos cangaceiros, inclusive criando sua clientela e pilhando propriedades de coiteiros. Diante da escassez de recursos, do clima de instabilidade política e da permanente insegurança no sertão nordestino, os soldados volantes também podiam seguir carreira nas Forças Públicas, depois Polícia Militar, dos seus respectivos Estados.

Elias Marques de Alencar narra sua dura experiência cotidiana de soldado volante nos anos 1930. Segundo ele, “só viajava quem agüentava, quem tinha coragem, que numa hora dessa você entrar no mato pesado com mais de vinte quilos e viajava a pé”. Segundo ele, os fazendeiros e vaqueiros tinham medo tanto da volante, quanto dos cangaceiros.⁷

Como observou Frederico Pernambucano de Mello, o primeiro encontro dos sertanejos com os cangaceiros marca indelevelmente a memória deles, seja pelo medo e pavor, seja pelo impacto estético do traje do cangaceiro.⁸ Em seu depoimento, Moacir Vieira Nunes recorda o encontro que teve com Lampião e seu bando na bodega de Zezé de Cândido, em 1928, no povoado de Entremontes (Piranhas/AL).

Nunes lembra ainda da constituição de tropas no interior para resistir aos cangaceiros nos anos 30, chamadas de “tropas de cachimbo”, por sempre “levar fumo” diante dos enfrentamentos com os cangaceiros pela ausência de experiência militar dos seus componentes.

Por fim, gostaria de destacar em sua narrativa a devoção de Lampião por Santo Expedito, pois possibilita a junção entre o cangaço e a religiosidade popular nordestina. Segundo ele, Lampião passou cerca de quinze minutos ajoelhado no oratório de Dona Madalena Brandão.⁹ No livro de memórias de Sila, a ex-cangaceira já havia comentado que o Lampião que a história oficial apresenta não é o mesmo que ela conheceu, pois viu “um homem (...) religioso que, duas vezes por dia, de manhã e à tarde, se a ocasião o permitisse, rezava o Ofício de Nossa Senhora”.¹⁰ Também Billy J. Chandler ressalta que a fé religiosa de Lampião projetava-lhe uma aura de invencibilidade. Espelho fiel do catolicismo sertanejo, suas práticas religiosas estavam vinculadas à manipulação das forças sobrenaturais para sua própria proteção.¹¹

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros desenvolve interessante reflexão sobre o cangaço e a memória, opondo a leitura dos Nazarenos e dos Ferreiras sobre o passado cangaceiro. Aqui podemos identificar uma proximidade dos depoimentos colhidos na região de Piranhas/AL com a memória volante e anti-cangaceira, presente nos livros de João Gomes de Lira e *O Canto do Acauã*, de Marilourdes Ferraz.¹²

Na outra margem do rio São Francisco, o município de Poço Redondo também tem sua trajetória histórica marcada pelo fenômeno social do cangaço, por conta da intensa presença do bando de Lampião na região ao longo dos anos 1930. Algumas imagens dessa passagem de Lampião marcaram in-

delevelmente a memória dos sertanejos de Poço Redondo como o “Fogo de Maranduba”, em 1932, a morte de Lampião, em 1938, e a ascensão e queda do ex-cangaceiro Cajazeira, “Zé de Julião”, na política local nos anos 1950.

Por outro lado, na cidade, encontrei ainda remanescentes do cangaço como Manoel Félix da Cruz, um dos coiteiros de Lampião mais famosos na região, e Adília Maria de Jesus, ex-mulher do cangaceiro Canário.

Começamos pelo depoimento de Adília Maria de Jesus em que se relata o cotidiano da mulher no cangaço. Segundo ela, a vida no cangaço era muito aperreada para as mulheres, pois era uma “vida perigosa”. Além disso, o grande sacrifício dela foi não criar os filhos, deixando-os com coiteiros em Serra Negra (BA) e Propriá (SE).

Segundo ela, eram os cangaceiros que faziam sua própria comida:

- Quem fazia era os hôme, era. Pinicava a carne, butava àqueles panelão de carne no fogo, eles iam passar aquela carne até a hora de butar uma aguinha. Mas, nós não cuidava, quem cuidava era {eles}. Quando era a hora da comida cada qual chegando com seu com sua bacinha sua comida, saía comer pra acolá. Mas, era uma vida perigosa, não era boa vida não.¹³

Como Moacir Nunes, Humberto Braz também não esqueceu o primeiro encontro com o bando de Lampião. O medo e a tensão emergiram no difícil diálogo com Lampião. Segundo Humberto Braz, nesse encontro, ele pensou que ia morrer, pois os cangaceiros obrigaram-no a cavar uma cova no pé de umbuzeiro. Contudo, os cangaceiros queriam mostrar como retiravam a água das batatas do umbuzeiro para saciar a sede.¹⁴

Já o coiteiro Manuel Félix da Cruz inicia sua narrativa com o encontro de Messias (seu tio) com Lampião em Mandaçaia, Poço Redondo/SE, para entrega de mantimentos. Depois disso, ele virou coiteiro de Lampião no povoado de Cajueiro, às margens do rio São Francisco. Em uma das passagens mais saborosas da entrevista, o velho coiteiro fala do fascínio de Lampião por doces: “já carreguei muitas latas de doce (riso), todo doce ele gostava”. Pouco antes do massacre de Angicos, em 1938, Manoel Félix vai a feira de Piranhas para comprar mantimentos para Lampião. Entretanto, a cidade está coalhada de policiais e ele não pode fazer as compras pedidas pelo chefe cangaceiro. Apenas umas agulhas para não chamar a atenção. No dia do massacre, ele ia bem cedo ao encontro de Lampião, mas foi avisado por um dos cangaceiros

que conseguiu fugir do cerco de sua morte. Segundo seu relato, com medo, não foi olhar os corpos dos cangaceiros, mas depois viu o retrato das cabeças na prefeitura de Piranhas (AL).¹⁵

Outro personagem que participou diretamente dos acontecimentos de Angicos foi Durval Rodrigues Rosa. Seu encontro com Lampião deu-se a partir do bando de Zé Sereno, pois ele conhecia Sila, nascida em Poço Redondo/SE. Em sua fala, afirma que as volantes “enjoam” muito os habitantes daquele município, por conta da participação de algumas famílias no cangaço, como é o caso de João Paulo Braz, que teve seus irmãos Mergulhão, Marinheiro e Novo Tempo atuando no grupo de Zé Sereno.

Em outra passagem, Durval Rosa detalha o rito de entrada dos cangaceiros, em que os chefes dos bandos ofertavam, além de armas, os embornais, feitos pelos próprios cangaceiros. Por isso, foi solicitada uma máquina de costura a ele por Luis Pedro, um dos subchefes do bando de Lampião.¹⁶ Entrevistado em 1990 por Frederico Pernambucano de Mello, o ex-cangaceiro Barreira mostra a importância deste ritual quando reclamou a Luís Pedro o fato de ainda não estar paramentado como os outros cangaceiros para entrar no bando de Português, isto é, de posse de seus embornais coloridos, anéis de ouro e prata e punhais marchetados. Para Mello, essa força plástica do cangaço inclusive influenciou a vestimenta das próprias forças volantes, como podemos ver em fotos de época.¹⁷

Preocupado em delimitar na geografia do cangaço seus lugares de memória em Poço Redondo/SE, Raimundo Eliete Cavalcanti relata o seqüestro de João Nunes, ex-secretário de Segurança de Pernambuco, ocorrido em 1929, quando Lampião começa a atuar na região do baixo São Francisco. Como já ressaltado por outros autores, Lampião fez um trato com o coronel, no qual quando de sua libertação fizesse um relato simpático ao bandoleiro, desfazendo a imagem de celerado, facínora e cruel. O trato foi cumprido pelo coronel com depoimento favorável a Lampião nos jornais de Recife/PE.¹⁸

Tanto Raimundo E. Cavalcanti como Manoel Dionizí da Cruz desenvolveram ações no sentido de construir a representação de Poço Redondo como capital do cangaço. Uma de suas principais iniciativas foi a construção da Praça Lampião, em 1988, que contou com o apoio de Alcino Alves Costa, então prefeito. Além de demarcar os locais por onde Lampião e outros cangaceiros passaram pelo município, eles incentivaram a criação de um Centro de Cultura Regional “Zé de Julho” em homenagem ao cangaceiro Cajazeira.

Essa iniciativa mobilizou os jovens de Poço Redondo, resultando na criação de grupos de teatro e de xaxado, além de exposições sobre o tema do cangaço nas escolas públicas.¹⁹

Para eles, o cangaço deve ser inserido na luta social do povo brasileiro, numa clara influência do marxismo e do pensamento de esquerda no Brasil, tentando vincular a luta do cangaço ao contexto das lutas sociais na contemporaneidade.

Assim, o cangaço não se tornou história, é ainda memória, campo de confrontos simbólicos entre os diferentes sujeitos históricos resultando em distintas memórias em torno da problemática do cangaço, demarcando-o, contudo, como elemento constitutivo da identidade regional. Terreno privilegiado do imaginário social, o cangaço aparece nas entrevistas como um leque de representações a partir do desdobramento de um mesmo símbolo, revelando a disputa mnemônica entre a “memória volante” e a “memória cangaceira”. Como produto de uma mistura de interesses e motivações materiais e imateriais, através das quais as pessoas comuns elaboraram suas memórias, o cangaço apareceu, nestas entrevistas, em sua dimensão cotidiana em que as decisões tomadas por homens e mulheres sertanejos, às vezes, são produto do acaso, onde o medo, o pavor, mas também a fascinação da vida livre dos cangaceiros incendiaram a imaginação destes sertanejos ao longo de sua vida.

Como registrou A. Portelli, a importância do estudo da história oral reside no fato de que a memória não é apenas ideológica, mitológica e não confiável, mas, principalmente, uma forma de garantir o direito às identidades.²⁰ De modo geral, as tendências historiográficas sobre o cangaço têm enfatizado interpretações que seguem modelos teóricos pré-estabelecidos, em que a maioria dos textos busca as origens sociais do fenômeno e/ou suas implicações políticas, perdendo de vista outros aspectos relevantes para a análise histórica, como foi o caso aqui analisado da experiência do fenômeno como cultura viva no sertão do São Francisco, nas fronteiras entre Sergipe e Alagoas.

NOTAS

¹ JESUS, Adília Maria de. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

² CANDAU, Jöel. *Mémoire et identité*. Paris : Presses Universitaires de France, 1998, p. 6.

³ GRUPO MEMÓRIA POPULAR. *Memória Popular: Teoria, Política e Método*. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (orgs). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004, p. 294.

⁴ RODRIGUES, Francisco. Entrevista ao autor. Piranhas/AL, 29 de outubro de 1999.

⁵ VALÃO, Josias. Entrevista ao autor. Piranhas/AL, 29 de outubro de 1999.

⁶ SOUZA, Amaury. *O cangaço e a política da violência no Nordeste brasileira*. In: *Dados*. Rio de Janeiro, IUPERJ, número 10, 1973.

⁷ ALENCAR, Elias Marques de. Entrevista ao autor. Olho d'Água do Casado/AL, 29 de outubro de 1999.

⁸ PEIXOTO, Marcelo. *Estética do Cangaço*. Recife/PE: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2000 (vídeo).

⁹ NUNES, Moacir Vieira. Entrevista ao autor. Pão de Açúcar/AL, 30 de outubro de 1999.

¹⁰ SOUZA, Ilda Ribeiro de (Sila). *Angico, eu sobrevivi*. Confissões de uma guerreira do cangaço. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997, p. 11-12.

¹¹ CHANDLER, Billy J. *Lampião: o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1986, p. 232-234.

¹² BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. *A Derradeira Gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão*. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, pp. 39-51.

¹³ JESUS, Adília Maria de. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

¹⁴ BRAZ, Humberto. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

¹⁵ CRUZ, Manoel Félix da. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 29-30 de maio de 1999 e 14 de agosto de 1999.

¹⁶ ROSA, Durval Rodrigues. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

¹⁷ PEIXOTO, Marcelo. *Estética do Cangaço*. Recife/PE: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2000 (vídeo).

¹⁸ CAVALCANTI, Raimundo Eliete. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, maio/junho de 1999.

¹⁹ CRUZ, Manoel Dionízio da. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 22 de maio de 1999 e 13 de junho de 1999.

²⁰ PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: MORAES, Marieta, FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral*; Desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/FGV-CPDOC, 2000.

FONTES ORAIS

ALENCAR, Elias Marques de. Entrevista ao autor. Olho d'Água do Casado/AL, 29 de outubro de 1999.

BRAZ, Humberto. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

CAVALCANTI, Raimundo Eliete. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, maio/junho de 1999.

CRUZ, Manoel Dionízio da. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 22 de maio de 1999 e 13 de junho de 1999.

CRUZ, Manoel Félix da. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 29-30 de maio de 1999 e 14 de agosto de 1999.

JESUS, Adília Maria de. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

NUNES, Moacir Vieira. Entrevista ao autor. Pão de Açúcar/AL, 30 de outubro de 1999.

RODRIGUES, Francisco. Entrevista ao autor. Piranhas/AL, 29 de outubro de 1999.

ROSA, Durval Rodrigues. Entrevista ao autor. Poço Redondo/SE, 5 de junho de 1999.

VALÃO, Josias. Entrevista ao autor. Piranhas/AL, 29 de outubro de 1999.

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Luitgarde O. Cavalcanti. *A Derradeira Gesta*: Lampião e Nazarenos Guerreando no Sertão. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

CANDAU, Jöel. *Mémoire et identité*. Paris : Presses Universitaires de France, 1998.

CHANDLER, Billy J. *Lampião: o rei dos cangaceiros*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 1986.

GRUPO MEMÓRIA POPULAR. Memória Popular: Teoria, Política e Método. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (orgs.). *Muitas Memórias, Outras Histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

PEIXOTO, Marcelo. *Estética do Cangaço*. Recife/PE: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2000 (vídeo).

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: MORAES, Marieta, FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral; Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/FGV-CPDOC, 2000.

SOUZA, Amaury. *O cangaço e a política da violência no Nordeste brasileira*. In: Dados. Rio de Janeiro, IUPERJ, número 10, 1973.

SOUZA, Ilda Ribeiro de (Sila). *Angico, eu sobrevivi: Confissões de uma guerreira do cangaço*. São Paulo: Oficina Cultural Mônica Buonfiglio, 1997.

RESUMO: Pela importância do cangaço na construção da identidade nordestina, busquei, por meio de um conjunto de entrevistas realizadas no sertão do São Francisco, nas fronteiras entre Sergipe e Alagoas, compor o cenário da vida cotidiana da experiência do cangaço, seja por parte dos combatentes, seja daqueles que conviveram ou eram cangaceiros, refletindo sobre a maneira como estes indivíduos estruturaram subjetivamente sua identidade no sertão do São Francisco.

PALAVRAS-CHAVE: memória, cangaço, sertão do São Francisco.

ABSTRACT: For the importance of the Social Banditry in the construction of the Northeast of Brazil identity, I searched, through a set of interviews realized in the Backlands of San Francisco River, in the borders between Sergipe and Alagoas, to compose the scene of the daily life of the experience of Social Banditry, either on the part of the combatants, either of whom they had coexisted or they were bandits, reflecting on the way as these individuals had subjectively structuralized its identity in the Backland of San Francisco River.

KEY-WORDS: memory, Social Banditry, Backland of San Francisco River.